

Drive-in: Na exposição de Matheus Rocha Pitta, ruína e natureza se confundem

Retrato alegórico de uma época em trânsito

Luiz Camillo Osório

ARTES CRÍTICA A denominação *site-specific* surgiu na arte contemporânea para descrever as esculturas monumentais que se instalavam no espaço urbano ou na natureza, e assumiam esta inserção como destino poético da obra. A arte, neste caso, deixa de ser um objeto autônomo e se instala em um lugar, habitando-o. A exposição de Matheus Rocha Pitta na galeria Novembro, situada no shopping da Rua Siqueira Campos, remete transversalmente para este vínculo com um sítio específico. O título "Drive-in" sugere um dirigir-se para dentro deste lugar, ao mesmo tempo real e ficcional, criado pelo artista.

O trabalho começa dentro do estacionamento no subsolo. Não se

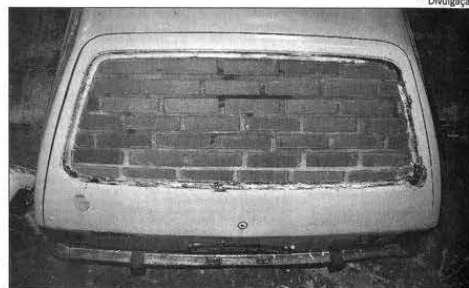
trata de um estacionamento qualquer. É uma espécie de pântano de concreto, uma caverna cheia de marcas, vestígios de uma cidade em decadência. Ali dentro encontra-se uma Belina 79 transformada pelo artista em minigaleria, depois de retirados os bancos e substituído o vidro traseiro por uma parede de tijolo. Dentro do carro ele mostra recortes de jornal com notícias de cavalos perdidos na cidade. Tudo é precário. O estranhamento é total.

O curioso é que o estacionamento interessa mais como vivência temporal do que como contexto espacial. O tempo com peso e textura é deslocado para a galeria. É como se o artista nos convidasse a entrar dentro deste tempo que perpassa o estacionamento. No caminho da exposição vivemos a tensão entre o

tempo marcado do estacionamento e o tempo suspenso do shopping. Esta passagem do percurso também é interessante.

Dentro da galeria, quase sem luz, transformada em minicaverna, somos recebidos por uma placa de concreto, bruta e cinza, onde há duas colagens de jornal com imagens de carros naufragados sob uma cidade em ruínas. Uma linha vermelha sai da placa e percorre a parede. Do lado oposto, três fotos do estacionamento, ou melhor, de suas paredes detonadas, quase arqueológicas, marcadas com breves desenhos/grafites a giz do artista que remetem ao tema subjacente da simbiose do carro e do cavalo, do estacionamento e do pântano.

O clima se potencializa na videoinstalação que resume poética-



A BELINA 79 foi transformada pelo artista em minigaleria: estranhamento total

mente o conjunto exposto em "Drive in". Longas cenas do estacionamento são feitas de dentro de um carro e tendo alguns cavalos transitando, surrealista e lentamente, pelo ambiente. Nada acontece para além deste teatro metafísico, onde sonho e realidade se misturam, e o tempo

parece suspenso e desacelerado. O *site-specific* de Matheus Rocha Pitta assume o estacionamento como palco do cruzamento imaginário entre o não-lugar da Belina e o não-tempo dos cavalos, ou seja, onde ruína e natureza confundem-se. É o retrato alegórico de uma época em trânsito. ■

RETRATO ALEGÓRICO DE UMA ÉPOCA EM TRÂNSITO

Luiz Camillo Osório

A denominação *site specific* surgiu na arte contemporânea para descrever as esculturas monumentais que se instalavam no espaço urbano ou na natureza, e assumiam esta inserção como destino poético da obra. A arte, neste caso, deixa de ser um objeto autônomo e se instala em um lugar, habitando-o. A exposição de Matheus Rocha Pitta na galeria Novembro, situada no shopping da Rua Siqueira Campos, remete transversalmente para este vínculo com um sítio específico. O título "Drive-in" sugere um dirigir-se para dentro deste lugar, ao mesmo tempo real e ficcional, criado pelo artista.

O trabalho começa dentro do estacionamento no subsolo. Não se trata de um estacionamento qualquer. É uma espécie de pântano de concreto, uma caverna cheia de marcas, vestígios de uma cidade em decadência. Ali dentro encontra-se uma Belina 79 transformada pelo artista em mini-galeria, depois de retirados os bancos e substituído o vidro traseiro por uma parede de tijolo. Dentro do carro ele mostra recortes de jornal com notícias de cavalos perdidos na cidade. Tudo é precário. O estranhamento é total.

O curioso é que o estacionamento interessa mais como vivência temporal do que como contexto espacial. O tempo como peso e textura é deslocado para a galeria. É como se o artista nos convidasse a entrar dentro deste tempo que perpassa o estacionamento. No caminho da exposição vivemos a tensão entre o tempo marcado do estacionamento e o tempo suspenso do shopping. Esta passagem do percurso também é interessante.

Dentro da galeria, quase sem luz, transformada em mini caverna, somos recebidos por uma placa de concreto, bruta e cinza, onde há duas colagens de de jornal com imagens de carros naufragados sob uma cidade em ruínas. Uma linha vermelha sai da placa e percorre a parede. Do lado oposto, três fotos do estacionamento, ou melhor, de suas paredes detonadas, quase arqueológicas, marcadas com breves desenhos/grafittis a giz do artista que remetem ao tema subjacente da simbiose do carro e do cavalo, do estacionamento e do pântano.

O clima se potencializa na videoinstalação que resume poeticamente o conjunto exposto em "Drive-in". Longas cenas do estacionamento são feitas dentro de um carro e tendo alguns cavalos transitando, surrealista e lentamente, pelo ambiente. Nada acontece para além deste teatro metafísico, onde sonho e realidade se misturam e o tempo parece suspenso e desacelerado. O *site specific* de Matheus Rocha Pitta assume o estacionamento como palco do cruzamento imaginário entre o não-lugar da Belina e o não-tempo dos cavalos, ou seja, onde ruína e natureza confundem-se. É o retrato alegórico de uma época em trânsito.

publicado in O Globo, 12 de fevereiro de 2006

matheus rocha pitta / rochapittarockpicture.com / bibliography

ALLEGORICAL PORTRAIT OF AN EPOCH IN TRANSIT

Luiz Camillo Osório

The denomination site-specific has risen in contemporary art to describe the monnumental sculptures that installed themselves in urban space or nature, assuming this insertion as its poetic destination. Art, in this case, ceases to be an autonomous object and installs itself into a place, inhabiting it. Matheus Rocha Pitta's exhibition in the Novembro gallery, situated at the mall in Siqueira Campos' street, transversally refers to this link with a specific site. The title "Drive-in" suggests a transit to the inside of this place created by the artist, at the same time real and ficcional.

The work begins inside a subterreneam parking lot. It's not a common parking lot. It's a sort of concrete swamp, a cave plenty of marks, remainings of a decadent city. There inside, one finds a Ford 79 transformed into a minigallery, afters the seats were retired and the rear glasses substituted for brick walls. Inside the car the artist shows newspaper clips with news of horses lost in the city. Everything is precarious. Strangement is absolut.

It's curious to note that the parking lot interest lies more in a temporal experience than in a spacial context. Time as weight and texture is displaced to the gallery. It's as if the artist invited us to go inside this time that perpass the parking lot. In the exhibition path, we live the tension between the marked time of the parking lot and the suspended time of the mall. This passage is also intersting.

Inside the gallery, almost unlit, transformed into a minicave, we are receveid by a concrete slab, brut and gray, where two newspaper clips with images of wrecked cars are pasted. On the opposite wall, three photographs of the parking lor, or better, of its detonated walls, almost archaeological, marked with briefs drawings/grafittis made by the artist, that refer to the subjacent theme of the simbiosis between horse and car, swamp and parking lot.

The videoinstallation poetically sums the amount exposed in "Drive-In". Long scenes of the parking lot are shot from the viewpoint of a car. Some horses were "parked", they walk slowly and surrealistically through the ambient. Nothing happens beyond this metaphysical theater., where dream and reality are mixed and time seems suspended and desacellerated. Matheus Rocha Pitta's site specific assumes the parking lot as the stage of the imaginary crossing between the non-site of the Ford and the non-time of the horses, that is, where ruin and nature confound each other. It's the allegorical portrait of an epoch.

Published in O Globo, February 12th 2006